

1965

Corry 65

instituto de arte corry



12/65

galeria relêvo

galeria relêvo, av. copacabana, 252 - rio de janeiro

instituto de arte contemporânea

IVAN SERPA

7 A 31 DE DEZEMBRO DE 1965 — DE SEGUNDAS A SÁBADOS DE 14 AS 22 HS.

instituto de arte contemporaneo



DADOS BIOGRÁFICOS

Nasceu em 1923 na Guanabara. Estudou pintura, desenho e gravura com Axel Leskochek. Tem participado desde 1947 do Salão Nacional de Arte Moderna e desde 1951 das Bienais de São Paulo. Portador de vários prêmios inclusive o de viagem ao estrangeiro pelo S.N.A.M.. Estagiou na Europa, especialmente na Itália e na Espanha, entre 1958 e 1959. Numerosas exposições coletivas e individuais destacando-se Rio de Janeiro, São Paulo, Caracas, Barcelona, Berna, Minneapolis, Neuchâtel, Paris, Tóquio, Veneza, Washington, Londres, Viena. Exposição individual no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1961 e grande retrospectiva no M.A.M., em 1965, com texto crítico de Clarival do Prado Valladares e José Roberto Teixeira Leite. Exposição individual de desenho no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo em dezembro de 1965 e participa da coletiva de pintores sul-americanos no Guggenheim Museum de N.Y., dez. 1965. Obras integradas aos acervos do M.A.M. do Rio, M.A.C.U.S.P., M.N.B.A., M.A.C. de Madrid, M.A.M. de La Paz, Walker Art Center, Un. Wisconsin.

Texto crítico de Mário Pedrosa, Ferreira Gullar, Mário Barata, Roberto Teixeira Leite, Leon Degand, John Hadfield, Bernard S. Myers, José Valladares e outros.

Obras reproduzidas em "*Modern Art, a pictorial Anthology*", MacMillan Comp. 1958, em "*A Chamber of Horrors*", Studio Vista Ed., London, 1965 e na coleção "*Los Pintores Célebres Contemporâneos*", vol. III, Ed. G. Gili S. A., Barcelona.

Ivan Serpa, além de sua produção artística exerce o ensino de pintura para o curso de iniciação de crianças e jovens do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

IVAN SERPA EM DEZEMBRO DE 1965

Esta é a segunda vez que me proponho estudar certos aspectos da obra de Ivan Serpa. No caso deste artista, tal propósito não é fácil. Ele é capaz de, em menos de um mês, assumir uma nova experiência, mudar completamente as características do que vinha fazendo até a véspera e renovar-se no extremo mais avançado da "avant-garde". Deixa, com frequência, o seu crítico atônito, surpreende o público e desafia o seu próprio julgamento.

Tais atitudes seriam perigosas se Ivan Serpa não se amparasse numa extraordinária segurança profissional e numa aguda percepção dos valores estéticos. Em resumo, ele é dos poucos que podem se dar à aventura da **negação-renovação** precisamente porque suas virtudes não estão na periferia da obra, mas na profundidade desta, na raiz **artesanal** e na razão filosófica.

Já observara Mário Pedrosa em seu ensaio "**Ivan Serpa — Crescimento e criação**", em 1954, re-editado em "**Dimensões da Arte**" (S.D. - MEC - 1964) o **bom artesão** que ele é ao lado do **artista autêntico** que se revela na "hora das decisões irreversíveis".

Não há em Serpa reversão, retôrno, porém um evoluir constante na direção da expressividade mais atual.

Repetirei aqui um trecho do que escrevi em março de 65, para a exposição retrospectiva que ele fez no M.A.M.:

"O único atributo que assegura a autenticidade de uma obra de arte, como linguagem sincera e necessária de uma data, é o suporte da qualidade, em que se baseia, como garantia da adoção de novos valores."

E, para situar o motivo do comentário, feito a propósito da produção mais recente de Ivan Serpa reunida em dezembro de 1965, na Galeria Relêvo, repetirei uma outra de minhas afirmações sobre ele: "**Estilo individual é o acréscimo que o autor superpõe à linguagem estética universal do tempo**".

Este é o único compromisso que Ivan Serpa considera. O seu estilo individual não se realiza no plano subjetivo, lírico, mas no racional, universalista. Aceita o vocabulário da data, a razão do tempo e se submete, como instrumento da humanidade, a refletir a visão estética do teor histórico.

Em abril sua pintura era de caráter expressionista, fantasmagórico, levando-nos a admitir um propósito de execração, de grito, de protesto. As cores reduziam-se ao mínimo, predominava o negro, o claro-escuro, o grafismo monocromático. Não será pois, de se extranhar, a inclusão que Hadfield faz de Serpa em seu livro dedicado à pintura do terror, "**A chamber of horrors**", colocando-o numa galeria temática em que estão Bosch, Cranach, Bruegel, Goya, Munch, Klee, Ensor...

Mas, em dezembro corrente, ao mesmo tempo em que Ivan Serpa expõe em São Paulo uma série de desenhos quase recentes, apresenta-nos um conjunto de dez telas (exposição da Galeria Relêvo,) totalmente inovados, quanto a temática e também quanto aos materiais e execução.

Os fantasmas de março de 1965 se recolheram aos camarins e agora entram em cena personagens desumanizados, embora mais próximos da referência.

A criatura não foi desumanizada pelo artista, mas por sua própria história e civilização. O artista apenas refletiu o plano estético de uma realidade ética. Esta é a circunstância que confere o cinismo das cenas, o clima de uma data, atual, universal e inexorável. O colorido foi aferido com as cores-padrões dos anúncios, cartazes, letreiros e matéria gráfica popular.

A temática é a civilização compressiva, urbana e mecanizada. Serpa utiliza recursos compositivos em correspondência simbólica: o mecanismo se reflete nos planos geometrizados, no linearismo de ins-

trumento; a submissão humana se expressa na padronização dos tipos e em sua decomposição; a inferiorização da humanidade está refletida na perda de destino, na imensa tristeza da criatura vertida em marionetes. O que mais se vê nesta atual fase de Serpa é o que não está figurado, mas apenas situado. Refiro-me àquela condição em que a criatura nada mais é que um objeto, um número, um produto dotado de movimentos determinados e expressões controladas, dosadas.

O gesto, o movimento, não é dramático, nem cômico. — Está dolorosamente esvaziado, nada diz, além de uma obediência, de uma mecanização. Velhos símbolos de uma insolente permanência, do perene lirismo, ainda são mantidos no diálogo dos personagens e nas unhas postiças, naqueles corações coloridos nos tons duros de tintas de anúncios.

Melancolia, ausência de destino, aceitação de um amanhã desfibrado, humanidade automatizada e ainda capaz de um derradeiro apêlo, indefinido, talvez amoroso, parecem constituir a linguagem momentânea de Serpa.

Talvez seja insensato dar texto ao que apenas pretendeu existir como uma simples composição e situação plástica.

Talvez o artista em nada pensou senão em gastar o seu tempo e matéria, ludicamente, num exercício de formas e de cores, como valores abstratos.

Tudo isso é possível assim como é suspeita a interpretação do crítico, imprevidente e ilícito, com o seu texto de duvidosa literatura.

Mesmo assim, ninguém poderá desconhecer que ao artista cabe refletir o espírito de sua data, intuitivamente, num texto destinado a um futuro incerto e remoto, como depoimento e julgamento do momento que ele traduz.

No caso de Ivan Serpa, embora sua temática se situe sempre na vanguarda, a execução da pintura ainda se processa nos meios convencionais. Ao tempo em que fez colagens, não as fez em obediência aos modelos europeus, mas descobrindo técnica e enriquecendo o resultado plástico.

Agora, quando se identifica com certas características e soluções da pop-art, não procura meios substitutivos da pintura escolar; com os mesmos procedimentos, atinge a plenitude da temática mediante o atributo principal que é a qualidade, a seriedade profissional da obra.

Graças ao seu "back ground" de mestre de pintura para crianças, Serpa conhece em profundidade o processo da criação artística. Ele é menos um fabricante de futuros artistas, que um notável pesquisador. Sua pintura de hoje mostra considerável procedência de suas pesquisas, isto é, das soluções naturais da representação dos primários na dose exata da expressividade.

O convívio permanente, há anos, com crianças em iniciação, traz ao mestre mais aprendizagem de pintura que o tédio das bibliotecas e dos colóquios de sofisticados.

Há em nosso Serpa aquela curiosidade intelectual "que o faz buscar valores plásticos nos territórios mais diversos da expressividade humana (o desenho e a pintura dos primários, da criança, da arte popular, etc.) procedimento idêntico ao de Paul Klee e em certo sentido ao de Pablo Picasso, cambiando êsses valores espontâneos para uma construção plástica consciente".

Outras datas trarão a Serpa diferentes reflexões. Ele tem o compromisso, por sua inteligência, sensibilidade e atitude de atualidade, de refletir cada uma delas.